

## O CIBERESPAÇO E O INDIVÍDUO: uma síntese possível?

Murilo CANELLA<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho intenta traçar um panorama da sociedade “líquido-moderna” no que tange às relações de extrema cambialidade e neologismo existentes entre as formas de associação instauradas a partir da “modernidade sólida”. Tenta demonstrar a correlação entre a fragmentação da tradição e a emergência de novos valores que, em seu embate direto, legaram à humanidade uma era de novas significações e seus permanentes processos. Deriva-se daí a dualidade entre “global” e “local”, subordinada a processos econômicos, políticos, sociais e culturais que, num exame mais detalhado, mostram a confluência dessa latente crise no que diz respeito à identidade individual, norteadas cada vez mais por processos globais, no ínterim de um também global e virtual espaço, o ciberespaço. Segue-se, para tanto, a problemática acerca da perda da humanidade dos indivíduos pela lógica impessoal do consumismo e sua influência no pensamento individual.

**Palavras-chave:** Modernidade líquida. Indivíduos. Ciberespaço. Identidade. Local. Global.

### CYBERESPACE AND INDIVIDUAL: a possible synthesis?

**Abstract:** This study attempts to draw a picture of “liquid-modern” society regarding the extreme relationship exchange and neologism existing among the association forms created from the “solid modernity”. It tries to demonstrate the correlation between the fragmentation of tradition and the emergency for new values which, in its direct confrontation, brought to the humanity an era of new meanings and ongoing processes. From this concept derives the duality between “global” and “local”, submitted to economic, political, social and cultural processes, which in a closer examination shows the confluence of latent crisis regarding the individual identity, even more oriented by global processes, inserted in an also global and virtual space, cyberspace. It follows, however, the problematic about the loss of individuals humanity by the impersonal logic of consumerism and its influence on individual thought.

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista - Unesp (Faculdade de Ciências e Letras - FCL - Campus de Araraquara). E-mail: murilo\_canella@hotmail.com.

**Keywords:** Liquid modernity. Individuals. Ciberespace. Identity. Local. Global.

Num “mundo líquido”, a vida é uma forma fluida. A dissolução do cosmos pré-moderno legou à modernidade uma liberdade de movimentos inaudita. Todo o sentido do mundo mudou. Abriu-se, para tanto, espaço a um imenso e grandiloquente neologismo existencial. O desenvolvimento da modernidade encontrou em fase de decomposição os laços tradicionais da época pré-moderna. Foi, portanto, um processo de “liquefação”, no que tange à sua emergência, desde suas origens. O que se propala nessa fragmentação de um mundo calcado na rigidez da tradição é a destruição de um *cosmos*. Caíram por terra espaços comunais, familiares e religiosos, espaços nos quais a pessoalidade, a ação sentimental e o caráter eram pressupostos básicos a toda relação social.

No processo de secularização, a igreja perdeu sua tutela de senhora do mundo; a família perdeu o caráter de núcleo básico à formação educacional e moral; a personalidade perdeu, pouco a pouco, o signo de caracterização nas relações, e, desse lapso, emergiu a fria impessoalidade da economia monetária. Em suma, valores *qualitativos* foram negados em nome de valores *quantitativos*. A razão instrumental possui um valor caríssimo à modernidade. Por meio dela pensava-se que o homem, ao dominar a natureza, não reconheceria limites ao seu desenvolvimento, sempre linear, progressivo e cumulativo. A operação racional era a ordem do dia. Por meio dela “derretia-se” um estratificado mundo para lhe opor outro, também sólido, mas configurado de modo a não mais repetir as imperfeições tão caras à humanidade em seu devir histórico.

Porém, da desmedida liberdade, fluidez e mobilidade estendidas à ordem econômica e social, configurou-se seu extremo oposto. A crescente fé no progresso material ocultou por completo o porvir das estruturas sociais que foram, em poucas palavras, abandonadas ao léu frente ao magnânimo desenvolvimento capitalista. O quadro de crises que se originou a partir de então foi - e continua a ser - gigantesco. A autonomia do indivíduo torna-se um ponto extremamente problemático, deblaterado incansavelmente pela sociologia. O Estado é maciçamente invadido por capitais privados. As ciências perdem-se de seus propósitos e se tornam uma mera moeda de troca comum a todos os objetos. O desenvolvimento tecnológico ultrapassa em muito a demanda de mão-de-obra. O homem assiste ao declínio da humanidade.

Dessa crise feita permanente resulta a liquefação completa dos tempos contemporâneos, um dos focos principais de toda a sociologia de Zygmunt Bauman. A vida, no ínterim desse mundo “líquido-moderno”,

tornou-se cambiante em todas suas instâncias. Mesclam-se, num amálgama no qual cada adjetivação clama incansavelmente por existência e ação, *mutabilidade, efemeridade, precariedade, incerteza e necessidade* de movimento.

Hoje, os padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “auto-evidentes”; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. E eles mudaram de natureza e foram reclassificados de acordo: como itens no inventário das tarefas individuais. Em vez de preceder a política-vida e emoldurar seu curso futuro, eles devem segui-la (derivar dela), para serem formados e reformados por suas flexões e torções. Os poderes que liquefazem passaram do “sistema” para a “sociedade”, da “política” para as “políticas de vida” - ou desceram do nível “macro” para o nível “micro” do convívio social (BAUMAN, 2007, p. 14).

A desintegração do social é a ordem do dia. Todo e qualquer tipo de rigidez liquefez-se. Toda tradição, se não sucumbiu ao longo da “modernidade sólida”, teve de se reinventar, ou antes, adaptar-se a um novo patamar de relações e processos extremamente cambiantes. A insegurança e o medo, partes integrantes da “modernidade sólida”, são, *aqui*, na extrema liquidez, um mote. Toda e qualquer operação efetuada pelo indivíduo está fadada à incerteza. A realidade a qual vivenciamos é a da total inversão gramatical de sentido. Comumente pontuavam-se os períodos de uma vida com reticências - que remetem a uma continuidade -, ou com o fatal e indecoroso ponto final; porém, na era líquida, a interrogação é tanto o ponto de partida como o ponto de chegada. Mas não uma interrogação que carrega consigo o gérmen de sua resposta. Carrega, por sua vez, a multiplicidade de significações e caminhos objetivos circunscritos numa *indeterminação* universal:“(...) é como habitar um universo desenhado por Escher, onde ninguém, em lugar algum, pode apontar a diferença entre um caminho ascendente e um declive acentuado” (BAUMAN, 2005, p. 58). Nesse mundo,

Aprender com a experiência a fim de se basear em estratégias e movimentos táticos empregados com sucesso no passado é pouco recomendável: testes anteriores não podem dar conta das rápidas e quase sempre imprevistas (talvez imprevisíveis) mudanças de circunstâncias (BAUMAN, 2007, p. 8).

O *tudo* e o *todo* se tornam donos de uma mutabilidade aterradora. Não mais o indivíduo os alcança, e no lugar dessa busca, instaura-se um neologismo que o coloca como centro estático em meio à reprodutibilidade infinita de meios que, por sua vez, interpõem-se a esse indivíduo desprovido de um norte seguro - a bússola reinventa-se e se reorienta a cada novo suspiro. Tudo se movimenta, nada para. Os indivíduos mesmos possuem esse recalque em suas instâncias mais subjetivas. O impulso anímico do movimento é-lhes um “alvitre imposto”. E no desmesurado movimento, o homem dá as costas ao gênero. Deixa-se levar pela maré sempre ascendente, que não mais varia em consonância aos ciclos naturais, e nesse movimento, chega - por vezes com maior rapidez, por vezes retardado - a ilhas, nas quais um paraíso afrodisíaco o espera. Nelas se estabelece. Mas a maré, por seu movimento agora *feito* natural, varre, impetuosamente, dali o vivente - que perde, aos poucos, sua verdadeira significação. E, nesse curso, o homem “aprende” a nunca retirar a jangada das costas.

A configuração identitária dos indivíduos - processo intrínseco à individualização - subordina-se a um processo de *extraterritorialidade*, subordinado, por sua vez, à ordem econômica. “Ser indivíduo numa sociedade de indivíduos custa dinheiro, muito dinheiro” (BAUMAN, 2007, p. 37). Todas as categorias que se ligam ao conceito de indivíduo encontram-se, na sociedade “líquido-moderna”, indissolúvelmente ligada à ordem econômica. E o que aqui se pretende não é um mero reducionismo, mas sim a relevância dos processos econômicos, o que, de forma alguma, exclui processos de outra natureza. E, para tanto, é necessário um considerável parêntese. O princípio da *extraterritorialidade* choca-se, ou mesmo integra um processo que se intensifica a uma velocidade gigantesca nos tempos “líquidos-modernos”: o *globalismo*. Ulrich Beck (1999) atenta-nos às diferenças estruturais que, na visão comum, são faces de uma mesma moeda. *Globalismo*, *globalidade* e *globalização* são conceitos distintos entre si, e nessa medida, *integram* partes de um processo corrente. No âmbito do presente estudo, cabe-nos a noção de *globalismo*, o que não exclui diretamente os outros conceitos a ela interligados, que, por sua vez, aparecem no texto com uma “roupagem” diferente<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Para tanto cabe, à guisa de não cometer equívocos teóricos, a definição - ainda que parcial - dos outros dois conceitos. Ulrich Beck (1999) conceitualiza *globalidade* como o ideal contemporâneo de que a vida isolada e fora de um espaço interligado - por relações econômicas, políticas, sociais e culturais - é mera ficção. “*Globalidade* significa: *Já vivemos há tempos em uma sociedade mundial* (...). Nenhum país, nenhum grupo pode se isolar dos outros (grifo do autor).” (BECK, 1999, p. 29). *Globalização*, por sua vez, é um todo no qual os citados conceitos confluem, chocam-se, e interagem, num movimento que lhes é inevitável. “*Globalização* significa (...) os processos, em cujo andamento os Estados nacionais

Globalismo designa a concepção de que o mercado mundial bane ou substitui, ele mesmo, a ação política; trata-se, portanto, da ideologia do império do mercado mundial, da ideologia do neoliberalismo. O procedimento é monocausal, restrito ao aspecto econômico, e reduz a pluridimensionalidade da globalização a uma única dimensão - a econômica -, que, por sua vez, ainda é pensada de forma linear e deixa todas as outras dimensões - relativas à ecologia, à cultura, à política e à sociedade civil - sob o domínio subordinador do mercado mundial. A essência do globalismo consiste muito mais no fato de que aqui se liquida uma distinção fundamental em relação à primeira modernidade: a distinção entre economia e política. A tarefa primordial da política - que consiste na delimitação e no estabelecimento de condições para os espaços jurídicos, sociais e ecológicos, dos quais a atuação da economia depende para ser socializada e tornar-se legítima - se perde de vista ou é derribada (BECK, 1999, p. 27-8).

Dessa cisão e de sua subsequente subordinação a processos econômicos, resulta a polarização entre “local” e “global”.

O espaço da “primeira fila” está normalmente ligado às comunicações globais e à imensa rede de trocas, aberto a mensagens e experiências que incluem o mundo todo. Na outra ponta do espectro, encontramos as redes locais fragmentárias, muitas vezes de base étnica, que depositam sua confiança na própria identidade como recurso mais precioso para a defesa de seus interesses e, consequentemente, de sua própria vida (BAUMAN, 2009, p. 26).

As elites, detentoras do poder econômico, instauram-se num extremo, o “global”, ao passo que o restante enquadra-se no mero “local”. Esse processo traz consequências duríssimas a todo o tecido social. A problemática acerca da identidade aparece à “elite global” como uma aventura, um passatempo necessário à manutenção do bom-gosto, passível de ser encontrado em cada esquina luxuosa, em cada luxuriante e lânguido gole de fino vinho, absolutamente desprovido de qualquer responsabilidade moral em torno de suas ações. E aqui se instaura um problema: o de que o mundo “líquido-moderno” não admite, ou antes, prescreve atitudes e posturas morais. O efêmero apaga e desliga o indivíduo de qualquer responsabilidade moral: é-lhe necessária somente aquela responsabilidade

---

veem a sua soberania (...) e suas orientações sofrerem a interferência cruzada de atores transnacionais (grifo do autor)” (BECK, 1999, p. 30).

racional que, num movimento ambivalente, “dá” a esses mesmos indivíduos uma infantilidade descomunal. Aos que se excetuam dessa elite global, os “locais”, somente resta a observação - que incessantemente *quer* ser contemplação. Mas, desse processo, o indivíduo não sai incólume, e de um movimento aparentemente pacífico - mas com o gérmen da mais atroz violência dentro de si - brota outro movimento, no qual, incólume, a violência emerge.

Portanto, seria de esperar que, para os muitos cujas chances de pegar o bonde da individualização são no mínimo distantes, e mais provavelmente inexistentes, resistir com unhas e dentes à “individualidade” e a tudo o que esta representa não só parece uma opção sensata, mas de fato uma consequência “natural” de sua condição. O “fundamentalismo”, escolhendo apegar-se a uma identidade herdada, ou atribuída, é o filho natural e legítimo da individualização implementada em escala planetária (BAUMAN, 2007, p. 40).

A “localidade” leva esses indivíduos a uma equação danosa: tomam por destino a fatalidade da estratificação social. Tais indivíduos

estão “condenados a permanecer no lugar”. Portanto, espera-se que sua atenção - cheia de insatisfações, sonhos e esperanças - dirija-se inteiramente para as “questões locais”. Para eles, é dentro da cidade em que moram que se declara e se combate a luta - às vezes vencida, mas com maior frequência perdida - para sobreviver e conquistar um lugar decente no mundo (BAUMAN, 2009, p. 28).

O “localismo” caracteriza-se pela relação de identidade extremada com o espaço habitacional, enquanto as elites globais seguem a via contrária. São, por excelência, a expressão máxima da falta de identidade, ou antes, de uma identidade extremamente cambiante, fluida. Seu ponto fixo de orientação é um ancoradouro virtual - o *ciberespaço*. Nele, mediante qualquer desagrado exterior, o movimento é livre, flexível a não mais poder. Figura-se, aqui, outro problema: transpondo-se os limites espaciais, o ciberespaço torna-se um termo chave à política, à economia e à cultura globais, de modo que as identidades locais tornam-se, nesse denso e complexo processo de liquefação da “solidez moderna”, um mero subproduto maleável da esfera global. Esse incessante movimento é danoso, pois, com a exortação inaudita da vida, as classes que se excetuam à elite global encontram-se abandonadas às suas próprias forças, num mundo no qual

os ditos provêm “de cima”, o que foge à sua compreensão imediata e mesmo molda e determina a subjetividade desses indivíduos “locais” imersos numa “globalidade” - para eles - invisível. Anula-se a esfera de ação efetiva, congela-se o pensamento.

Estamos testemunhando a vingança do nomadismo contra o princípio da territorialidade e do assentamento. No estágio fluido da modernidade, a maioria assentada é dominada pela elite nômade e extraterritorial. Manter as estradas abertas para o tráfego nômade e tornar mais distantes as barreiras remanescentes tornou-se hoje o meta-propósito da política, e também das guerras, que, como Clausewitz originalmente declarou, “não são mais que a extensão da política por outros meios” (BAUMAN, 2001, p. 20).

Dessa extraterritorialidade que norteia a “modernidade líquida” surgem, à velocidade da luz, tantos quantos possíveis paradoxos que compõem, estruturalmente, a sociedade contemporânea. Há a falta de política no ciberespaço que, por sua vez, é o campo de jogo do poder. A ordem econômica norteada pelo *globalismo* afasta de si a política, ou melhor, molda-a ao seu bel prazer. A política, entendida como esfera central na vida da sociedade civil, transmutou-se num subproduto maleável frente à ordem econômica da “sociedade global”. Sua aplicabilidade é alvo de um extremo paradoxo, pois a esfera “macro” paira vaga no ar, ao passo que sua execução nas “micros” esferas subordinam-se ao “macro vago”, em muitos casos mesmo inexistente enquanto efetiva política. “Os poderes reais que criam as condições nas quais todos nós atuamos flutuam no espaço global, enquanto as instituições políticas permanecem, de certo modo, em terra, são locais” (BAUMAN, 2009, p. 30). A política torna-se, portanto, uma questão local num mundo estruturado por processos cada vez mais globais. E num outro movimento que lhe é inerente, a esfera global só entra em questão quando possui certa relevância local. Há aqui um princípio de adaptabilidade ao qual tanto o global quanto o local têm de passar constantemente. O espaço de ação é local, mas o substrato da ação, mesmo sua estruturação política, econômica e social é assunto de ordem global. Essa cambialidade entre local e global traz consequências a todas as esferas da vida social. O que constantemente assistimos é a lenta e gradual destruição de “focos de resistência” a esse processo; a destruição de identidades locais, a aculturação - imposta de cima - e a necessidade sempre renovada de novos padrões culturais que flutuam no centro vago do ciberespaço.

No interior dessa extrema cambialidade e fluidez, a reciclagem identitária torna-se um processo rotineiro. É, por assim dizer, uma comum moeda de troca. Ao passo que as identidades locais cada vez mais perdem sua legitimidade. Surge, em contraponto, um ideal de identidade global que a qualquer custo e circunstância encontra-se “em casa”. Em seu natural movimento despotencializa as “localidades” e lhes impõem seus motes como algo vindo “de cima”. No lugar de identidade vigora, portanto, uma falta, ou mesmo uma *indeterminação* da identidade. Torna-se um subproduto do mercado, variando segundo tais e quais fatores - um simples capricho da moda ou uma exortação da indústria farmacêutica. Emerge aqui um problema contextualizado por Bauman, na esteira de outros teóricos, no que tange à cultura; uma espécie de “hibridização”, o “hibridismo cultural”.

A “hibridização” é uma declaração de autonomia, não de independência, na esperança de prosseguir com a soberania das práticas. (...) A imagem de uma cultura híbrida é um verniz ideológico sobre a *extraterritorialidade*, atingida ou declarada. Refere-se, essencialmente, a uma liberdade duramente conquistada, e agora estimulada, de sair livremente num mundo demarcado por cercas e fatiado em soberanias territorialmente estabelecidas. (...) a “cultura híbrida” busca sua identidade na *não-pertença*: na liberdade de desafiar e menosprezar as fronteiras que tolhem os movimentos e escolhas das pessoas menores, inferiores - os “locais”. Os “híbridos culturais” querem se sentir em toda parte como se estivessem *chez soi* - a fim de se vacinarem contra a maligna bactéria da domesticidade (BAUMAN, 2007, p. 42-3).

Essa categoria de “hibridismo” traz à análise social contemporânea um foco extremamente prolífico. Por meio dela o neologismo dos “tempos líquidos” torna-se extremamente palpável. Uma classe que porta a identidade num universo efêmero, contingente e superficial. A liberdade irrestrita, para eles, não é uma consequência, mas sim sua razão de ser, seu *a priori*. O ideal de identidade como uma construção do eu paulatina, árdua e perene esvai-se. Na sociedade da extrema velocidade podemos ser um, dois, vários, infinitos eus. O mote artístico-poético da múltipla personalidade adotado por Fernando Pessoa é, no século XXI, a prerrogativa das variadas questões que norteiam o indivíduo.

Valendo-nos mais uma vez de Ulrich Beck, o sociólogo traz à análise cultural num mundo global uma problemática importantíssima: a *transformação* de valores culturais sólidos em simples *subvalores* que, por

sua vez, dizem-se portadores de toda originalidade das “culturas virgens”. Beck (1999, p. 59) no talvez mais doloroso exemplo dessa violência cultural, infere, numa também dura equação, que “a África não é um continente, e sim um conceito (grifo do autor).” Disso depreendemos ao menos dois processos: a banalização dos valores culturais e sua subsequente incorporação à “hegemônica cultura global”. A questão divide-se em níveis “micro” e “macro”: neste enxergamos a configuração de um mundo que toma para si determinados valores, molda-lhes o que lhe é aproveitável e os coloca no “jogo” portando a bandeira da identidade e dos valores culturais “íntegros”; naquele, observam-se indivíduos que, na impossibilidade de verem restituída sua “mãe”, clamam e se adequam - por mais insípido que seja o movimento - à onda, e nela creem vê-la à imagem e semelhança da verdadeira.

Do ponto de vista daqueles que elaboram as danças e as máscaras do “carnaval africano” em Nottingham a África já não possui um lugar geográfico. Para eles, a África designa uma visão, uma ideia que pode ser derivada a partir de uma estética negra. E isto não serve, em última análise, ao objetivo de fundar, sustentar e renovar uma identidade nacional africana para os negros na Grã-Bretanha. Esta (anti-) África é, no sentido estrito da palavra, uma “comunidade imaginada” (*imagined community*). Ela serve para romper e anular a sensação de estranhamento dos grupos afro-caribenhos na Inglaterra. Portanto, “existe” uma África em Nottingham. (...) Pode-se reconhecer o reflexo da imagem negativa de uma África eurocêntrica levada pelos negros para as metrópoles ocidentais. Mas isso só torna mais premente a questão: o que é e onde está a África no espaço social transnacional? (BECK, 1999, p. 60-1).

A questão, sem cair num relativismo extremo, aplica-se, com todas as prerrogativas de singularidades históricas, econômicas, políticas, sociais e culturais, a incontáveis exemplos no globo, exemplos de uma perda, ou mesmo um recalque cultural nos meios dessa “cultura global”. À última indagação de Beck soma-se uma visão quase impossível: imaginarmos uma África “livre” de toda “contaminação cultural” inerente à “cultura global”, que a atravessa pelas mais variadas formas e tipos de violência.

Tomada sob essa perspectiva, a discussão acerca da identidade na sociedade “líquido-moderna” assume um viés que, num primeiro contato, pode soar demasiado simples, porém, dono de profunda ambivalência: o de que à sociedade contemporânea *colocam-se* questões e problemas os quais guardam, dentro de si, o enigma chave de sua resposta. A busca

incessante pelo novo não é o *meio*, mas *fim*. O caminho não mais importa, pois, dele recolhe-se somente migalhas pretéritas que, possivelmente, irão servir a uma atualizada manobra futura. O fim assemelha-se a dias exaustivos num deserto. Após longa e árdua caminhada sob um sol escaldante, tem-se a impressão de um paraíso - um paraíso artificial -, mas um paraíso nunca alcançado, que por mote tem somente a infinita caminhada, reinventada a cada passo. Essa cambialidade representa, ao mesmo tempo, o fascínio e o horror, partes indissociáveis do consumismo: o prazer da pertença e o medo dilacerante de ser excluído, jogado fora, *deletado*.

A busca pela felicidade - a felicidade líquida, cambiante, que não basta a si própria, que necessita, por meio do consumo, de contínua reinvenção - é o motor próprio da infelicidade, fragmento de um mal-estar maior. A busca é, pela lógica própria da “vida líquida”, solapada a cada instante, pois a multiplicidade de meios interpõe-se a cada suspiro individual - aparentemente sólido -, e lhe lega a desorientação permanente, ofuscada, por vezes, pela virtual sensação de segurança. O indivíduo torna-se incapaz de pensar além do *aqui* e do *agora* uma vez que está preso ao *eterno presente*. “A incerteza de uma vida mortal em um universo imortal foi finalmente resolvida: agora é possível parar de se preocupar com as coisas eternas sem perder as maravilhas da eternidade” (BAUMAN, 2007, p. 15). A eternidade é incessantemente sentida no agora, por mais frívolo e fugaz que esse momento seja. A necessidade de orientação nasce com um prazo de validade estipulado. Findo o intento, findam também as inquietações que, inexoravelmente, dão lugar a novas falsas necessidades.

A sociologia abre-nos caminho a questões fundamentais que, por sua complexidade, fascinam-nos e nos assombam. A beleza e o horror são partes indissociáveis de um mesmo processo vital, e na investigação sociológica também não poderia deixar de sê-lo. A complexidade do tecido social é a expressão maior dessa tensão. As maravilhas são muitas, mas também muitas são as decepções. A ambivalência e as contradições são um foco indispensável, ainda que não isento do póstumo renascimento. O homem, aos poucos, caminha contra o gênero, não por vontade própria, mas pela fria impessoalidade de um todo maior que, no intento aqui proposto, solapa, recalca e dá nova significação à vida desse indivíduo.

No mundo da velocidade, todas as relações sociais assumem a indelével marca do efêmero. Quantitativamente, o espetáculo é maravilhoso. O alcance do mundo nas palmas das mãos - imagem sonhada por tantos poetas - nunca esteve tão perto da plenitude. As redes - palavra tão emblemática nos “tempos líquidos” - interligam o mundo a um só tempo, o tempo virtual de suas ações. O espaço virtual figura um espaço não somente adequado às esferas cultural, social, política e econômica, mas

ao cerne central da vida humana: a centelha de humanidade que crepita em cada homem - sua "identidade" enquanto tal - declina sob o jugo do ciberespaço.

O alheamento das redes sociais contemporâneas traz a expressão atroz da "ambivalência líquida". Vive-se "rodeado" de amigos, de relações amorosas, de anúncios, de provas de amizade. Mas o *meio* pelo qual se processam todos esses eventos não *sente*, simplesmente não é. Temos o mundo na ponta dos dedos, porém trancafiados num quarto. Tornam-se palpáveis novas "gerações" e formas de associação nesse espaço virtual, louvadas pela rapidez, objetividade e instrumentalidade - o que, paulatinamente, deixa à deriva seus "antepassados". Nessa era de extrema complexidade não cabe à sociologia nenhum dito profético: a própria profecia é dúvida. E às portas da dúvida cabe à sociologia a tarefa de, a partir de um movediço e nebuloso ponto de partida, traçar caminhos - ainda que efêmeros, mas donos de um suspiro próprio - que tornem o percurso *menos* obscuro, no intento "de tornar o mundo humano um pouco mais hospitaleiro para a humanidade" (BAUMAN, 2007, p. 23).

## Referências bibliográficas

BECK, Ulrich. *O que é globalização?* São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. *Identidade*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.